

Helenice Ana Lopes

**A JANELA SENSÍVEL: FORMAS DE VER LUANDA EM *OS DA MINHA RUA* DE
ONDJAKI**

Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação Lato Senso em História da África –
ICH – UFJF

Orientador: Ms. Prof. Vinebaldo Aleixo de Souza Filho

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LOPES, Helenice Ana.

A JANELA SENSÍVEL : FORMAS DE VER LUANDA EM OS DA MINHA RUA DE ONDJAKI / Helenice Ana LOPES. -- 2017.
45 p.

Orientador: Vinebaldo Aleixo de Souza FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. História da África. 2. Literatura. 3. Ondjaki. 4. Angola. I. FILHO, Vinebaldo Aleixo de Souza, orient. II. Título.

Helenice Ana Lopes

A JANELA SENSÍVEL: FORMAS DE VER LUANDA EM *OS DA MINHA RUA* DE ONDJAKI

Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação Lato Senso em História da África –
ICH – UFJF

Data de aprovação:

Banca Examinadora:

Prof.

Prof.

Prof.

Quero deixar um beijinho aos professores brasileiros que ensinam literatura africana no Brasil, contributo muito grande que fazem à divulgação da nossa literatura. Mais que isso, estão a ensinar o brasileiro a dialogar com a cultura contemporânea africana. É preciso agradecer a esses professores.
(ONDJAKI, 2013).

RESUMO

O título deste material didático é “A janela sensível: formas de ver Luanda em *Os da minha rua* de Ondjaki”. Nosso objetivo foi despertar o interesse pela literatura e outros elementos culturais angolanos. Pretendemos despertar em nossos alunos o interesse pelo continente africano; propiciar a autoestima dos afrodescendentes; desenvolver o sentimento de alteridade; conhecer um pouco da realidade atual do país Angola. O texto está estruturado em três partes. Na primeira parte apresentamos os pressupostos e potencialidades do material didático elaborado com base nos estudos desenvolvidos no Curso de pós-graduação em História da África da UFJF. Na segunda parte, apresentamos o material didático, que poderá ser utilizado como apoio para os professores de Língua Portuguesa, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Ele foi pensado a partir da constatação da falta de recursos didáticos sobre História da África no campo educacional. Na terceira parte, o portfólio, apresento brevemente minha trajetória de vida profissional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2. PARTE I – APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	8
2.1 Material didático	8
2.2 Desenvolvimento teórico para a produção do material.....	9
2.3 Apoio ao professor	13
2.3.1 Entrevista com Ondjaki (trechos)	13
2.3.2 Lista de sites com temas sobre África	15
2.3.3 Recursos audiovisuais	15
2.3.4 Músicas	16
CONSIDERAÇÕES.....	16
3 PARTE II - MATERIAL DIDÁTICO	17
4 PARTE III - PORTFÓLIO.....	31
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O título deste material didático é “A janela sensível: formas de ver Luanda em *Os da minha rua* de Ondjaki” faz referência ao livro de ficção do escritor angolano Ondjaki. Nesse sentido, nosso objetivo foi despertar o interesse pela literatura e outros elementos culturais angolanos. Ao fazer isso, é possível criar “pontes” entre Angola e Brasil. A literatura, nesse sentido, é um importante instrumento (uma janela sensível), pois trabalha com o imaginário, e conseqüentemente, permite que se apresente outras narrativas contrapostas aos preconceitos históricos oriundos do imaginário eurocêntrico produzido sobre a África. Pretendemos despertar em nossos alunos o interesse pelo continente africano; propiciar a autoestima dos afrodescendentes; desenvolver o sentimento de alteridade; conhecer um pouco da realidade atual do país Angola e sua maior cidade e capital, Luanda.

O texto está estruturado em três partes. Na primeira parte apresentamos os pressupostos e potencialidades do material didático elaborado com base nos estudos desenvolvidos no Curso de pós-graduação em História da África da UFJF. Na segunda parte, apresentamos o material didático, que poderá ser utilizado como apoio para os professores de Língua Portuguesa, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Ele foi pensado a partir da constatação da falta de recursos didáticos sobre História da África no campo educacional. Na terceira parte, o portfólio, apresento brevemente minha trajetória de vida profissional, estudantil, pessoal e afetiva. Sendo também um recurso utilizado como uma forma de reelaboração contínua da minha aprendizagem e visão de mundo durante todo o curso.

2. PARTE I – APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

2.1 Material didático

Nossa proposta foi elaborada como uma sequência didática, estruturada em forma de diálogo entre professor e aluno para docentes de Língua Portuguesa, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Ele está voltado para o ensino de literatura, que permitirá ao professor desenvolver com seus alunos, através da obra de Ondjaki, questões culturais angolanas, assim como aspectos linguísticos envolvendo o vocabulário angolano e africano. Seu conteúdo permite ainda o trabalho coletivo com outras áreas de conhecimento, como Arte e História.

O presente material pedagógico não possui uma estrutura rígida, pois foi pensado de modo a contemplar a autonomia do educador, que poderá alterá-lo conforme as demandas escolares e de do seu programa de ensino. Nossa principal preocupação foi oferecer subsídios para romper com o eurocentrismo presente no ensino formal, vide o imaginário presente em diversos livros didáticos e paradidáticos. Em outros termos, uma contribuição que a literatura de Ondjaki nos traz é “uma outra representação, feita a partir de outra posição enunciativa na hierarquia das relações de poder”. (SILVA, 2011, p. 103).

O recurso didático inicia-se com a localização geográfica de Angola no mapa da África e dados gerais sobre o país. São sugestões de abordagem que o professor criativo poderá ampliar com novas pesquisas.

A exibição de imagens de Angola e sua capital Luanda em quatro imagens possibilitam desconstruir o imaginário estereotipado que se tem sobre o continente, pois os alunos se as vissem sem títulos jamais pensariam que fossem imagens de cidades do continente africano.

Outra etapa propõe assistir o documentário *Oxalá cresçam pitangas – histórias da Luanda*. Projeto efetuado a duas mãos por Ondjaki e Kiluanje Liberdade.

Tendo em vista o desejo de valorizar o conhecimento dos alunos e trazer o tema da África e da alteridade para seu cotidiano, sugerimos que eles façam uma pesquisa em sua escola ou vizinhança para descobrir se há alguma pessoa originária da África para que possa ser entrevistada.

Em forma de diálogo, apresentamos aos alunos um painel com alguns dos escritores mais representativos de Angola, tais como Agostinho Neto, José Luandino

Vieira, Ana Paula Tavares, José Eduardo Agualusa. Nosso intuito é que ao oferecer referenciais positivos sobre um país africano, possamos suscitar, em específico, a autoestima dos educandos afrodescendentes e, de modo geral, o sentimento de alteridade.

Tendo a foto de Ondjaki como ilustração, trabalham-se alguns de seus dados bibliográficos. Propõe-se logo após um pequeno resumo do livro *Os da minha rua*. E destacam-se trechos de dois contos: “A piscina do tio Victor” e “O nitó que também era Sankarah”. A escolha desses trechos propiciará a discussão de dezessete palavras do português angolano que serão traduzidas para o entendimento dos textos, proporcionando a discussão a respeito da importância de palavras do português brasileiro oriundas das línguas africanas.

Há uma seção, “Para conhecer mais”, que consiste em um material de apoio para pesquisa docente e discente. Lá, podemos encontrar a indicação para assistir um vídeo do artista angolano Paulo Flores, Poema do Semba, musicalizando uma explicação deste gênero musical, parente do samba. Outra seção apresenta o Kuduro, gênero musical estilo *house* africano que mistura elementos africanos com elementos musicais tradicionais, exemplificado no vídeo Kuduro Angola 2016.

2.2 Desenvolvimento teórico para a produção do material

No dia 09/01/17, completou 14 anos, a Lei Federal 10.639/03, que alterou as diretrizes e bases da educação nacional e tornou obrigatório o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira no Ensino Fundamental e Médio em todos os sistemas de ensino, no âmbito escolar. Em entrevista ao site Brasil de Fato, a professora, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, da UFSCAR e que participou da comissão para elaboração do parecer do CNE para as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* desta mesma Lei, considera que, nestes quatorze anos da Lei, sua implementação ainda não aconteceu de fato, devido a vários fatores, entre eles a falta de formação dos professores sobre esse tema e a ausência do mesmo nos currículos escolares e no Projeto Político Pedagógico. (PINA, 2017).

O referencial teórico para esta discussão fundamenta-se no artigo *A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática de*

Anderson Ribeiro Oliva e a reflexão de Tomaz Tadeu da Silva, “O Currículo como narrativa étnica e racial”, capítulo do livro *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*.

Oliva (2003) confirma a ausência de conhecimento e desinteresse dos brasileiros e de outros povos ocidentais sobre o tema África. O pesquisador examina como historicamente foi sendo construído o imaginário ocidental distorcido e preconceituoso, existente em relação ao Continente Africano. Imaginário este que nasceu desde a antiguidade e se perpetua até os dias atuais.

Os estereótipos, as representações distorcidas sobre o continente permanecem no imaginário brasileiro assim como em outras partes do ocidente. Os meios de comunicação reforçam a todo instante somente as misérias, notícias ruins, o que acabamos por assimilar e incorporar em nossos pensamentos e atitudes.

Às imagens e informações que dominam os meios de comunicação, os livros didáticos incorporam a tradição racista e preconceituosa de estudos sobre o Continente e a discriminação à qual são submetidos os afrodescendentes aqui dentro. A África não poderia ter, fazendo uma breve inversão do olhar presidencial, ruas limpas, um povo extraordinário e bela arquitetura (OLIVA, 2003, p. 431).

Por isso, a necessidade de mudar essas representações, para que as futuras gerações possam ter um novo olhar sobre a África.

O autor, citando o historiador português José da Silva Horta, explica que tanto os textos quanto as imagens que constam desde sempre sobre África são representações ou (re) construções do real. Assim nelas estão as impressões e interpretações de quem as criou.

Da mesma forma em um livro didático de História encontram-se as imagens e textos elaborados por seu autor com suas intenções e vivências e se os alunos aprendem tanto com os textos quanto com as imagens, é necessário cuidado na escolha desse veículo, que tanto poderá reforçar valores positivos quanto negativos.

O autor aponta como empecilho para o ensino de História da África em nossos livros didáticos, encontrar referência a África somente em alguns momentos determinados como ao período escravocrata, ao colonialismo no século XIX, a guerra civil pós-colonial. Ao analisar o livro de Mario Schmidt, a África na Nova História, considera-o louvável, por ser um dos poucos autores que se preocupou em dar um destaque especial à História da África, mas mesmo assim comete equívocos, que

precisam ser revistos. Por exemplo, o autor reserva maior espaço à temas originários do eurocentrismo do que aos de História da África. Informa uma bibliografia africana, que não abarca a quantidade produzida nas duas últimas décadas.

Com relação à História da África, a bibliografia citada, apesar de conter nomes importantes da historiografia africana é ainda bastante restrita se comparada à difusão de estudos e pesquisas que a História da África passou nos últimos vinte anos. A presença dos trabalhos de Basil Davidson, Roland Oliver, Joseph Ki-Zerbo demonstra o contato com a vertente de estudos efetuados até a década de 1970. Já a citação da obra de Alberto da Costa e Silva revela um pequeno contato com os novos estudos, porém, a referência é ainda insuficiente (OLIVA, 2003, p. 445).

Em alguns momentos comete anacronismo e juízos de valor. Reforça o estereótipo do negro indefeso e sem reação. Simplifica a diversidade étnico-linguística e geográfica do continente ao reproduzir o mapa do tráfico de escravos, no qual aparece uma antiga divisão em que limita a grande diversidade de povos ali existentes. E assim ao decorrer do capítulo incorre ainda em vários outros erros, que acabam por confundir e que não ajudam em nada na construção e reflexão do conhecimento por parte dos alunos. Ao finalizar o capítulo e tentar situar os conteúdos estudados com o contexto atual, foge a uma explicação mais real do continente, deixando uma visão reduzida e inadequada, muito veiculada pelos meios de comunicação, na qual “Hoje em dia, os países da África são pobres e a população passa por grandes necessidades (Schmidt, 1999: 183)”. (OLIVA, 2003, p. 455).

Para o autor, ainda existe um longo caminho a ser percorrido, para que o ensino de História da África possa acontecer de fato em nossos bancos escolares. Mas a necessidade de ensinar é clara, obstáculos existem, como o desinteresse que começa na Academia, passa pela falta de formação dos professores e pela negligência das editoras. Esforços têm acontecido no sentido de mudar essa situação, como a criação de alguns núcleos de estudo e pesquisas em História da África em universidades, a implantação da Lei 10.639/03, a atuação de movimentos negros e historiadores mais a contribuição de instituições e professores que promovem palestras e propõem cursos de extensão e de pós-graduação em História da África. E considera que é mesmo através da união de todos os envolvidos na questão, que o ensino poderá acontecer e ser implementado junto a medidas como “a obrigatoriedade do ensino nas graduações, a abertura do mercado editorial, traduções e publicações sobre o tema e a cobrança de História da África nos vestibulares”. (OLIVA, 2003, p. 456).

Acredito que, este material didático, ao evocar a literatura angolana, através da obra de Ondjaki, contribuirá para que os professores possam ter um apoio para levar o estudo de História da África para os seus alunos, tendo como referência Angola, um país africano, que por sua História e características culturais tem vínculos profundos com ao Brasil.

As escolas brasileiras ainda não estão preocupadas com o tema África, pouco conhecem ou acrescentam em seus currículos autores africanos, por isso a necessidade de pesquisas e de materiais que possam aos poucos transformar essa realidade excludente. E junto com a literatura de Ondjaki e de muitos outros escritores africanos vamos construindo com nossos alunos “um mapa geográfico, histórico e afetivo” (ONDJAKI, 2013) desse continente, que permeia o nosso cotidiano e que nem podemos perceber e identificar.

Passo agora a comentar brevemente o texto de Tomaz Tadeu Silva “O Currículo como narrativa étnica e racial” (2011), que traz a problematização do currículo escolar e dos termos etnia e raça. A partir das críticas de autores pós-estruturalistas e dos Estudos Culturais, Silva pontua que o currículo possui um discurso racial, voltado para os interesses das identidades “dominantes”, acentuando-se com isso as desigualdades educacionais em torno das relações de gênero, raça e etnia. Por ser um tema fundamental de “conhecimento, poder e identidade” (SILVA, 2011, p. 101), o assunto raça e etnia não deve ser visto somente como tema “transversal” e sim, ser introduzido ao currículo, já que este conhecimento deve fazer parte naquilo que os alunos serão como pessoas sociais.

Assim, para o autor, o ponto crucial da questão é pensar, como desmontar esse discurso racial do currículo e torná-lo acessível a todos? Certamente, uma abordagem crítica, tentaria refazê-lo de forma a desconstruir os discursos hegemônicos de identidade. Procuraria falar sobre a diferença enfocando-a histórica e politicamente, questionando-a: Como são construídas as identidades nacionais, raciais e étnicas? De que forma a formação da identidade e da diferença vincula-se às questões de poder? Como a identidade “dominante” fez-se referência incontestável diante da demais consideradas subalternas? Quais são os mecanismos instituídos, que respondem pela sustentação dessa condição de subalternidade de alguns grupos étnicos e raciais? Este seria um currículo multiculturalista, que permitiria sair do campo do folclore para o político (SILVA, 2011).

De acordo, com a teoria social contemporânea, para o autor, a identidade e a diferença estão fortemente ligadas à representação, que é o que dá sentido e atribui significado. A representação é uma estrutura linguística e argumentativa muito relacionada às questões de poder. É a representação que define o que é identidade e confere a quem detém o poder de representar, o poder de decidir e estabelecer a identidade. Desse modo, o autor salienta a importância dos questionamentos sobre a identidade e diferença, como também sobre os sistemas de representação, que lhes atribui poder.

Para Silva (2000), um currículo crítico não deve ter uma perspectiva essencialista sobre a identidade étnica e racial. Não só o essencialismo biológico, como também, o que se desenvolve mais sutilmente por meio do essencialismo cultural. Este vê a identidade de forma simples, como uma manifestação cultural inerente a determinados grupos étnicos e raciais. O que faz com que a identidade, apesar de cultural, se torne imutável. Fato, que não condiz com uma percepção crítica do currículo, na qual a identidade deve ser entendida como incerta, conectiva e histórica. Para uma percepção crítica, não há possibilidade de identidade, que não seja através da história e da representação.

É a partir da literatura de Ondjaki, que este material didático poderá colaborar para a desconstrução do discurso racial do currículo. Alunos e professores ao adentrarem pelos caminhos da Luanda transfigurada em *Os da minha rua*, com seu enredo, personagens e cotidiano, estarão se apropriando de outra forma linguística, de um discurso bem diferente do hegemônico. Observando as imagens sobre Luanda e Angola, ao tomarem contato com a cultura angolana, nossos estudantes poderão ampliar o começo a estabelecer um diálogo com uma realidade social e ficcional ainda pouco conhecida.

2.3 Apoio ao professor

Além deste recurso didático o professor poderá ainda efetivar várias leituras, pesquisas e buscar orientações nos materiais a seguir:

2.3.1 Entrevista com Ondjaki (trechos)

A poesia parece ocupar um lugar especial na sua escrita, embora também escreva contos. Por que sua preferência pela poesia?

Na verdade, eu acho que até tenho preferência pelos contos. São momentos internos e escritas distintas. A poesia ocupa um lugar de dúvida, na minha escrita. Eu realmente tenho dificuldade em entender a poesia que escrevo, ou as razões por que o faço. Mas por alguma razão que ainda desconheço, continuo a escrever poesia. É talvez importante, para mim, não saber o “porquê” de certas coisas no mundo da literatura.

Quais são os autores que o influenciaram?

São muitos. Mas, sobretudo, os livros. Influencia-me quem me faz sonhar, crescer, duvidar, tremer, cair, rezeir, acreditar. Acho que nos influencia a literatura que nos toca. Há coisas que nos falam e coisas que nos calam. E há coisas que nos são indiferentes. E está bem que seja assim.

Você que já escreveu para crianças e jovens e ganhou um prêmio pelo livro *A Bicicleta Que Tinha Bigodes*, o que acha da forma como as escolas ensinam literatura?

Não sei a que tipo de escolas se refere... Acho que visitei escolas que ensinam muito bem a literatura. E esse ensinar “bem” é descobrir um modo de aproximar o livro de uma criança. Não são iguais, as crianças. Já se sabe que não as podemos tratar como uma manada, um grupo homogêneo. É trabalhoso descobrir que livro se adéqua a cada criança, a cada idade. E esse trabalho passa pelo diálogo. Mas, como sabe, hoje em dia temos pouco tempo para o diálogo. Queremos receitas rápidas, eficientes. Mas a literatura não tem muito a ver com imediatez e receitas prontas. Portanto, penso que há escolas que estão a fazer um bom trabalho, sim. Mas é preciso escutar as crianças nos seus anseios, nos seus sonhos, nas suas vontades infantis mais sérias. As crianças sabem muito...

O site Homo Literatus, é um veículo online que fala de literatura de um jeito simples e com conteúdo. Resgata os clássicos, apresenta a vanguarda e ainda proporciona discussões literárias. Disponível em: <http://homoliteratus.com/homo-literatus/>. Acesso em 15 jan. 2017.

Site do Ondjaki encontra-se referências sobre sua vida como suas obras, prêmios, poemas, contos, vídeos. Disponível em: <http://www.kazukuta.com/ondjaki/ondjaki.html>. Acesso em 15 jan. 2017.

2.3.2 Lista de sites com temas sobre África

Por dentro da África é um site dedicado ao continente africano com notícias, pesquisas, teses e coberturas exclusivas desenvolvido pela jornalista Natalia da Luz. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/quem-somos>. Acesso em 15 jan. 2017.

O Projeto afreaka possui um conteúdo independente por uma África sem estereótipos. Conteúdos encontrados através de reportagens, notas e artigos, fotos, ilustrações e vídeos. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/projeto/>. Acesso em 15 jan. 2017.

Buala: Somos uma plataforma que atua sobre questões pós-coloniais nas áreas da cultura, comunicação, arte e educação. Do significado de BUALA (aldeia, bairro, comunidade, periferia), na língua quimbundo, retemos esse ponto de encontro, casa comum de várias geografias e contribuições. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/a-nossa-buala>. Acesso em 15 jan. 2017.

Literafro é um site do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA – da UFMG, que contém artigos, resenhas e um índice bibliográfico de autores da literatura afro-brasileira. Disponível em: <http://150.164.100.248/literafro/>. Acesso em 15 jan. 2017.

2.3.3 Recursos audiovisuais

Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história é uma palestra em vídeo, no qual a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, aponta que o perigo da história única reside numa visão reduzida e estereotipada da diversidade humana, a exemplo da representação da África como “um país” povoado pela fome e por guerras. O vídeo possui legendas em português. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt#t-12768. Acesso em 15 jan. 2017.

Saraiva Conteúdo: Este vídeo traz uma pequena palestra com o escritor Ondjaki, na qual fala sobre Luanda como uma cidade cheia de histórias, comenta a respeito do seu processo criativo e sobre como é ser angolano e morar na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0cTQ52tleN8>. Acesso em 15 jan. 2017.

2.3.4 Músicas

Poema do Semba com o músico angolano Paulo Flores: Nesta música canta o que significa o Semba para os angolanos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FtWFZRCUxgE>. Acesso em 15 jan. 2017.

Dança kuduro em Lisboa: Este vídeo mostra angolanos dançando Kuduro em Lisboa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wX-1BpvYvUc>. Acesso em 15 jan. 2017.

CONSIDERAÇÕES

Pretendeu-se com este trabalho, A janela sensível: formas de ver Luanda em *Os da minha rua* de Ondjaki, buscar um caminho dialógico entre Brasil e Angola. A Lei Federal 10.639/03, completos quatorze anos de sua promulgação, ainda não atingiu os objetivos por ela propostos. O material didático aqui apresentado procura trazer uma pequena contribuição às lacunas existentes no cotidiano escolar referente a essa grave situação. Objetivou-se criar uma sequência didática, não impositiva, capaz de subsidiar o professor de Língua Portuguesa na inclusão desse material em suas aulas.

A partir da fundamentação teórica de Oliva e Silva e da literatura de Ondjaki espera-se que este material didático possa colaborar na desconstrução do discurso racial

do currículo, e que a Angola do escritor possa com seus personagens no seu cotidiano assegurarem a discussão para uma apropriação de outro discurso para além do hegemônico, ampliando e buscando estabelecer um diálogo com outra realidade social e ficcional pouco conhecida.

O discurso hegemônico, fundamentado no eurocentrismo, precisa ser desconstruído, cedendo lugar a outras representações e outras propostas enunciativas, dando voz às identidades até então consideradas subalternas e por tanto tempo silenciadas.

3 PARTE II - MATERIAL DIDÁTICO

Título: A JANELA SENSÍVEL: FORMAS DE VER LUANDA EM *OS DA MINHA RUA* DE ONDJAKI

Objetivo: Trabalhar o livro *Os da minha Rua* do escritor angolano Ondjaki como uma forma despertar o interesse pela literatura e outros elementos culturais angolanos. Ao fazer isso, é possível criar “pontes” entre Angola e Brasil. A literatura, nesse sentido, é um importante instrumento, pois trabalha com o imaginário e, conseqüentemente,

permite que se apresente outras narrativas contrapostas aos preconceitos históricos oriundos do imaginário eurocêntrico produzido sobre a África.

Objetivos específicos:

- Despertar em nossos alunos o interesse pelo continente africano;
- Propiciar a autoestima dos afrodescendentes;
- Desenvolver o sentimento de alteridade.
- Conhecer um pouco da realidade atual do país Angola e sua maior cidade e capital, Luanda.

Introdução

Vocês já ouviram falar sobre Angola? Sabem onde fica? Pois bem, vamos juntos conhecer um pouco!? Angola é um dos 54 países, que formam o continente africano. Veja no mapa da África sua localização! E mais abaixo o mapa de Angola.



Mapa da África 2012- <https://misoafricapt.wordpress.com/2012/03/19/mapa-atualizado-da-africa-2012/>



Mapa do país Angola -

<http://elclima-enelmundo.blogspot.com.br/2013/06/angola-clima-medioambiente-informacion.html>

Angola – oficialmente República de Angola – é um país da costa ocidental da África, cujo território é limitado a norte pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. Inclui também o enclave, ou seja, parte de um território, que se localiza dentro dos limites de outro território diferente, de Cabinda, através do qual faz fronteira com a República do Congo, a norte para além dos vizinhos já mencionados. (SABONETE, 2010, p. 8). A população de Angola, pelo censo de 2014 é de 25.789.02 habitantes. As mulheres continuam a ser a maioria da população em Angola, com 13.289.983, contra 12.499.041 homens (RTP NOTÍCIAS, 2016).

Para além de numerosas variações linguísticas fala-se o português, e mais dez línguas nacionais, Herero, Fiote, Kikongo, Tchokwe, Nhemb, Umbundu, o Kimbundu, o Ganguela e o Kwanhama. (SABONETE, 2010, p. 9).

No Brasil temos muitas palavras, que herdamos de Angola como: batuque, boda, capinar, dama, chave, o que acham de pesquisarem um pouco mais?

Vejam algumas imagens de Angola e sua capital, Luanda:



Cabanas de colmo - Ilha de Luanda.
http://www.wikiwand.com/pt/Ilha_de_Luanda



Seguidores da Seleção Angolana
https://en.wikipedia.org/wiki/Angola_national_football_team



Luanda vista do mar
https://de.wikipedia.org/wiki/Festung_S%C3%A3o_Miguel_von_Luanda



Luanda e seus prédios (foto: Wikipédia)
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Luanda>

O que acham de assistirem, agora, um vídeo interessante sobre Angola?

Acessem o filme *Oxalá cresçam pitangas - histórias da Luanda*.

<https://www.youtube.com/watch?v=En8rugU5KTK>

O que acham se pudéssemos conversar ou conhecer alguém que veio de Angola ou de algum outro país da África? Se sim, que tal se pudéssemos descobrir com ele coisas interessantes sobre seu modo de vida, brincadeiras e histórias? Será que algum de vocês tem na escola ou na vizinhança algum coleguinha que veio de lá?

Vocês sabiam que em Angola existem vários escritores importantes? Vamos conhecer alguns deles!



Agostinho Neto - foto: (...) Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/>



José Luandino - foto: JC Venancio. Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/>



Ana Paula Tavares - foto: Pallas Editora. Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/>



José Eduardo Agualusa - foto: Jorge S. Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/>

Vamos falar um pouco sobre cada um deles.

António Agostinho Neto – foi o primeiro presidente da República de Angola, era médico de profissão, poeta por vocação e um líder por natureza. Nasceu em 17 de Setembro de 1922, na aldeia de Kaxicane, no município de Icolo e Bengo, na província de Luanda, era filho do pastor metodista, Agostinho Neto, e da professora Maria da Silva Neto.

Após concluir o ensino primário, entrou para o Liceu Salvador Correia, em Luanda, onde terminou o 7º ano em 1944. Depois, partiu para Portugal para frequentar a Faculdade de Medicina. Foi em Portugal onde Agostinho Neto iniciou a sua ação política. Os seus poemas e artigos, aliados ao seu engajamento político fizeram com que fosse perseguido e preso pela PIDE - Polícia Internacional de Defesa do Estado, órgão repressor da ditadura Salazarista que combatia os movimentos nacionalistas das colónias portuguesas de então. Lutando pela libertação de Angola, foi preso várias vezes. Em 1970 ganhou o prêmio Lótus e em 1975 Prêmio Nacional de Literatura.

Em representação do MPLA (Movimento de Libertação de Angola), Agostinho Neto participa em Alvor, Portugal, na assinatura do acordo para a constituição do “governo de transição”. A 11 de Novembro de 1975, Agostinho Neto proclama a independência de Angola. Dirige o MPLA e Angola durante os primeiros anos de independência, mas, doente, morre a 10 de Setembro de 1977, em Moscovo, na União Soviética. Agostinho Neto deixou como legados, a independência e a liberdade do povo angolano (FENSKE, 2015a).

José Luandino Vieira – pseudônimo de José Vieira Mateus da Graça. É poeta, contista e tradutor. Luandino nasceu na Lagoa do Furadouro (Portugal) em 4 de maio de 1935, mas emigrou com os pais para Angola em 1938. É cidadão angolano pela sua participação no movimento de libertação nacional e contribuição no nascimento da República Popular de Angola. Por participar do movimento de Libertação de Angola foi preso diversas vezes e transferido para o país de Cabo Verde onde passou oito anos em um campo de concentração. Libertado no ano de 1972, ficou mantido em regime de residência vigiada em Lisboa, onde iniciou então a publicação da sua obra, na grande maioria escrita nas diversas prisões por onde passou. Recebeu vários prêmios literários: no ano de 1961 recebe o prêmio da Sociedade Cultural de Angola e da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa; em 1963 recebe o prêmio da Associação dos Naturais de Angola e o Prêmio Mota Veiga; em 1965 foi-lhe atribuído o Grande Prêmio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Autores, para a sua obra "Luanda. E em 2008, foi-lhe atribuído o Prêmio Cultura do Ministério da Cultura do Governo de Angola (FENSKE, 2015b).

Ana Paula Ribeiro Tavares – é poeta, prosadora e historiadora, nasceu em Lubango, província da Huíla, que fica no Sul de Angola, em 30 de Outubro de 1952. Passou parte de sua infância em Huíla, onde concluiu seus primeiros estudos, fez faculdade de História (1982) e mestrado em Literatura Africana pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1996). É doutora em Antropologia (Etnografia) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova Lisboa.

É autora de várias publicações científicas e de obras literárias, como poesia, crônicas e romance. Foi distinguida com o Prêmio Literário Mário Antonio, da Fundação Calouste Gulbenkian (2004), com o Prêmio Nacional de Cultura e Arte, em Literatura (Luanda, 2007) e com o Prêmio Internazionale Ceppo/Pistoia, Firenze (2013) (FENSKE, 2015c).

José Eduardo Agualusa – nasceu em Huambo, Angola, em 13 de dezembro de 1960. É jornalista e escritor com formação em Agronomia e Silvicultura e destacado ativista cultural na literatura angolana. É filho de pai português e mãe brasileira, já viveu uma boa temporada em Recife e Rio de Janeiro. Vê-se na sua obra uma necessidade de registrar a história de seu país. É o primeiro escritor africano a ser distinguido com o famoso Prêmio de Ficção Estrangeira, entregue pela National Portrait Gallery de Londres, em 2007, pela obra *O vendedor de passados* (2004). Escreve crônicas para o jornal brasileiro *O Globo*, a revista *LER* e o portal *Rede Angola*. Realiza para a *RDP- África* (estação de rádio), "A hora das Cigarras", um programa de música e textos africanos. É membro da União dos Escritores Angolanos. (FENSKE, 2015d).

E agora, vamos conhecer um pouco sobre o escritor angolano Ondjaki, pseudônimo de Ndalu de Almeida, que nasceu na cidade de Luanda, Angola em 1977, tendo como pais uma professora e um engenheiro. Ondjaki é poeta, prosador e lança-se também como artista plástico e cineasta. Atualmente é autor de 17 livros de ficção.

Ondjaki!¹



Brasília - O escritor angolano Ondjaki participa da 1ª Bienal do Livro e da Literatura. Fonte: wikimedia

Nascimento: 1977

Luanda, Angola

Nacionalidade: Angolana

Prêmios: Prêmio Literário Antonio Paulouro (2005)

Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco (2007)

Prêmio José Saramago de 2013

Prêmio Littérature-Monde (2016)

Ondjaki nasceu em Luanda onde passou sua infância e fez seus primeiros estudos e mais tarde licenciou-se em Sociologia em Lisboa. Fez o doutoramento em Estudos Africanos em Itália em 2010. Obteve o segundo lugar no prêmio Antonio Jacinto realizado em Angola, e publica o primeiro livro, *Actu Sanguíneo*. (FENSKE, 2015e).

Depois de estudar por seis meses em Nova Iorque na Universidade de Colúmbia, filma com Kiluanje Liberdade o documentário *Oxalá cresçam pitangas - histórias da Luanda*.

As suas obras foram traduzidas para diversas línguas, entre elas francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e chinês. Como por exemplo "a bicicleta que tinha bigodes". Foi

¹ Todas as informações deste autor, Ondjaki, foram retiradas do site:
<http://www.elfikurten.com.br/2015/05/ondjaki.html>

laureado pelo Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco em 2007, pelo seu livro *Os da Minha Rua*. Recebeu, na Etiópia, o prêmio Grinzane por melhor escritor africano de 2008.

Em outubro de 2010, ganhou no Brasil, o Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Juvenil, com o romance *Avó Dezanove e o Segredo do Soviético*. O Jabuti é um dos mais importantes prêmios literários brasileiros atribuído em 21 categorias. Em 2013, recebeu o Prêmio Literário José Saramago por seu romance *Os Transparentes*. Atualmente, mora no Brasil, no Rio de Janeiro.

Significado do nome ONDJAKI

Ondjaki significa guerreiro, mas em Umbundo, língua local, significa também, malandro, irrequieto, inquieto. O nome de batismo de Ondjaki é NDALU de Almeida. Durante toda a gravidez sua mãe já havia escolhido o nome Ondjaki, porém dois dias antes de nascer a vizinha comentou que OND em Umbundo significa um forte palavrão, o que fez com que sua mãe trocasse de ONDJAKI para NDALU, por pensar nas consequências que poderiam advir, quando entrasse na escola, por exemplo.

Para ouvir um pouco Ondjaki, é só acessar:
<https://www.youtube.com/watch?v=Yqi3lLpAtZc&t=145s>.

Falando um pouco sobre o livro *Os da minha rua*

É um belíssimo livro, publicado em 2007, composto por vinte e duas histórias, nas quais, o autor rememora a infância em seu país, nos anos de 1980, momento em que Angola passava por conflitos internos: uma intensa guerra civil, decorrente do pouco tempo de independência da colonização portuguesa. Através de um personagem menino, nos traz de volta todo o contexto de sua infância, no qual podemos nos emocionar, divertir e conhecer mais de perto o panorama cultural, social, político e econômico de um país em reconstrução e de afirmação da sua identidade nacional. Pelo olhar da criança nos mostra seu ambiente familiar, escolar, o convívio com os amigos e vizinhos, suas emoções, dificuldades e aventuras!

Vejam comentários de outros autores sobre *Os da minha rua*

Neves (2008, p. 2) “Ondjaki, na coletânea de 22 contos curtos de *Os da minha rua*, ao adotar em todos eles a perspectiva infantil, sutilmente nos revela os problemas e as contradições de uma Angola pós independência [...]”.

Chaves (2007) anota que Ondjaki mostra um panorama infantil “vívida num período em que as insuficiências materiais não interdavam a experiência da comunhão”. Surpreende conferindo aos textos “traços de uma atitude rebelde que é enriquecedora. Ainda que tudo convide ao desânimo, é preciso (e possível) resistir”.

São 22 estórias em que desfilam personagens com lastro na vida real, que, entretanto, ganham outras vidas na cifra da imaginação com que o narrador, sempre em primeira pessoa, busca recordar os velhos tempos, o antigamente, como acerta a escritora Ana Paula Tavares, na carta que integra o livro, à maneira de posfácio. Uma maneira muito adequada, pois entra no tom que remarca o conjunto de flashes com que são capturados os daquela rua e adjacências... Essa idéia do antigamente também nos remete às estórias caluandas de outro escritor angolano cuja obra repercute no trabalho do Ondjaki. Refiro-me a Luandino Vieira e às infâncias reinventadas que nos traz em tantos livros, incluindo *No antigamente, na vida*. (CHAVES,2007).

Vamos conhecer um pouco da linguagem angolana, lendo alguns trechos do livro *Os da minha rua*?

A piscina do tio Victor

“Quando o tio Victor chegava de Benguela, as crianças até ficavam com vontade de **fugar** à escola só para ir lhe buscar no aeroporto dos voos das províncias. A **maka** é que ele chegava sempre a horas difíceis e a minha mãe não deixava ninguém faltar às aulas”. (ONDJAKI, 2007, p. 67)

“Eu já tinha dito ao Bruno, ao Tibas e ao Jika, **cambas** da minha rua, que aquele meu tio era muito forte nas estórias”.

- Vocês aqui da equipa do Tang não aguentam..., a nossa piscina lá é toda cheia de Coca-Cola”! (ONDJAKI, 2007, p. 68)

“Agora já ninguém me perguntava nada, falavam diretamente com o tio Victor, queriam mais pormenores da piscina e ainda saber se podiam ir lhe visitar um dia destes”.

- Vai todo mundo – o tio Victor riu, olhou para mim, piscou-me o olho. – “Vem um avião buscar a malta de Luanda! Preparem a roupa, vão todos mergulhar na piscina de Coca-Cola, nós lá não bebemos desse vosso **sumo** Tang...” (ONDJAKI, 2007, p. 69)

“Fui me deitar, antes que a minha mãe me apanhasse a conversar àquela hora. No meu quarto escuro quis ver, no teto, uma água que brilhava escura e tinha bolinhas de gás que faziam cócegas no corpo todo. Nessa noite eu pensei que o tio Victor só podia ser uma pessoa tão alegre e cheia de tantas magias porque ele vivia em Benguela, e lá eles tinham uma piscina de Coca-Cola com **bué** de **chuinga** e chocolate também. Vi também no teto, o jeito de ele estremecer o corpo e esticar os olhos em lágrimas de tanto rir. Foi bonito: adormecer em Luanda, a sonhar a noite toda com a província de Benguela”. (ONDJAKI, 2007, p.70-71)

O nitó que também era Sankarah

“Na minha escola Juventude em Luta nunca mais as aulas iniciavam. A minha mãe já estava a ficar preocupada, e meteu cunha através do Nitó para eu ser transferido para o Mutu Ya Kevela. Escola afamada de brincadeiras perigosas tipo “estatua”, bem violenta só, “bacalhau”, na hora do intervalo, **estigas** perigosas e lutas no fim das aulas. Eu mesmo **cambuta** e duns óculos na cara vi o meu futuro arruinado naquela transferência assim repentina. Mas teve de ser”. (ONDJAKI, 2007, p. 125)

“Esse meu primo Nitó era professor de inglês no Mutu Ya Kevela. Eu não sabia e ele fez-me a surpresa. Era de manhã, quase ainda cedo, eu estava num nervosismo de cólicas, já depois de **matabichar**”. (ONDJAKI, 2007, p. 125) Ele apareceu numa lambreta nova em folha para me levar à escola. “A coisa já mudava de figura”. (ONDJAKI, 2007, p. 126)

“Descaímos logo na zona verde, cortamos caminho a descer numa areia de derrapa perigosa e **esquindiva** nos buracos de esgoto. Saímos quase na Maianga. Duma rapidez **esculú** estávamos quase a chegar ao Mutu”. O Nitó me avisou:

- Aqui na escola, sou o “Stor Sankarah”.

- **Yá, tá fixe.**

Nome dele de registro era Nilton. De família, era Nitó. Mas das damas da escola dele, mesmo das aulas que dava na escola portuguesa e tudo, era “stôr Sankarah”.

Ché, grande pôster! Entramos no Mutu, eu numa timidez das paredes novas e um primeiro andar desconhecido. O Nitó fez **a banga** dele: foi mesmo na sala do subdirector buscar um livro de ponto, e ainda disse a outros professores, “este aqui é meu **ndengue**”. Goste!”. Apresentou-me os corredores perigosos:

- Aqui é melhor não vires, principalmente no turno da tarde.

Eu ia só decorando. Subimos até ao primeiro andar, ele bateu à porta, quase sem esperar entrou na sala 2. (ONDJAKI, 2007, p. 126). Espanto foi só de ver uma turma inteira, cinquenta pessoas, levantarem de prontidão e respeito: “Bom diaaaaa, camaradaaaaa, professoooooor!” **Ché! Kota Sankarah**”. (ONDJAKI, 2007, p. 127)

Agora podemos traduzir algumas palavras do português de Angola para o português do Brasil utilizando o glossário do livro:

Fugar = faltar às aulas
Maka = conversa, questão, disputa, caso, assunto
Camba = amigo, companheiro
Sumo = suco
Bué = muito
Chuinga: corruptela do inglês chewing gum (chiclete)
Estigas = ridicularizar outrem através de um criativo e bem humorado jogo de palavras.
Cambuta = baixo (a)
Matabichar = tomar café da manhã
Esquindiva = finta
Esculú = muito bom, corruptela de “exclusivo”
Yá = sim
Fixe = legal, bom
Ché = interjeição de espanto ou júbilo
Banga = estilo, vaidade
Ndengue = (quimbundo): criança
Kota = mais velho

(ONDJAKI, 2007, p. 158-160).

Vocês conhecem outras palavras de origem africana que estão em nosso cotidiano? Vamos aprender um pouco mais?

Acarajé: Bolinho de feijão frito no dendê e servido com camarões secos.
Angu: Massa de farinha de milho ou mandioca. Angu-de-carço: coisa complicada.
Axé: Saudação. Força vital e espiritual.
Babá: Origem controvertida. Para alguns estudiosos, é originária do quimbundo; para outros, é do idioma iorubá. Pai-de-santo. Ama-seca.

Bagunça: Baderna.

Banguela: Desdentado. Os escravos trazidos do porto de Benguela, em Angola, costumavam limar ou arrancar os dentes superiores.

Banzé: Confusão.

Baobá: Árvore de tronco enorme, reverenciada por seus poderes mágicos.

Batuque: Dança com sapateado e palmas, com som de instrumentos de percussão. É uma variante das rodas de capoeira, praticada pelos negros trazidos de Angola para o interior da Bahia. No sul do Brasil, é sinônimo de rituais religiosos e, no interior do Pará, é uma espécie de samba.

Berimbau: Instrumento musical, composto de um arco de madeira com uma corda de arame vibrada por uma vareta, tendo uma cabaça oca como caixa de ressonância.

Bitelo: Grande. Tamanho exagerado.

Caçamba: Balde para tirar água de um poço.

Cachaça: Bebida alcoólica. Durante muito tempo, negros escravizados, banhados em suor, giravam manualmente as rodas dos engenhos de açúcar.

Cachimbo: Tubo de fumar, com um lugar escavado na ponta para se colocar o tabaco.

Caçula: O mais novo.

Cafuné: Coçar a cabeça de alguém.

Camundongo: Rato pequenino.

Cochilar: Sono leve.

Cuíca: Instrumento musical que emite um ronco peculiar.

Dengoso: Manhoso. Chorão.

Farofa: Mistura de farinha com água, azeite ou gordura.

Fubá: Farinha de milho.

Fuzuê: Confusão.

(BRANDÃO, 2006).

Para conhecer mais é só acessar;

http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Memoria_MEC.pdf

Vocês conhecem o parente do samba?

Neste vídeo podemos conhecer um pouco!

<https://www.youtube.com/watch?v=8osE57cBXrk>

Semba é um dos estilos musicais angolanos mais populares. A palavra semba significa umbigada em kimbundo.

O cantor Carlos Burity defende que a estrutura mais antiga do semba situa-se na masemba (umbigada), uma dança angolana do interior caracterizada por movimentos que implicam o encontro do corpo do homem com o da mulher: o cavalheiro segura a senhora pela cintura e puxa-a para si provocando um choque entre os dois (semba).

Como explica Burity, o semba (gênero musical), atual é resultado de um processo complexo de fusão e transposição, sobretudo da guitarra, de segmentos rítmicos diversos, assentes fundamentalmente na percussão, o elemento base das culturas africanas.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Semba>.

Conheçam também o Kuduro!

O kuduro surge em finais dos anos 80, primeiro como uma dança e com o passar do tempo evoluindo para um gênero musical, estilo house africano em que se mistura elementos eletrônicos com o folclore tradicional, feito pelo povo mais pobre de Luanda e com os meios precários que dispunham. A música é peculiar no uso de breaks e funk muito utilizados nos anos 80 para criar melodias, mas utilizando loops e letras explícitas, que acabam por ser um reflexo de boa parte da população. Recentemente, o Kuduro tornou-se um fenómeno musical em todos os países de língua portuguesa, assim como em outras partes do mundo.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Kuduro>

Assistam um pouco!

<https://www.youtube.com/watch?v=BDoHasvWunA>

4 PARTE III - PORTFÓLIO

Histórias de vida e memórias

Durante vinte e cinco anos lecionei como professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora e aposentei-me em 2012. Atuo como coordenadora pedagógica, contratada, nesta mesma rede desde 2006, e neste ano na Escola Municipal Manuel Bandeira.

Como discente, negra, sempre estudei em escola pública e, desde os anos iniciais, jamais estive em um contexto que me permitisse conhecer algo sobre a História Africana. Vivenciei “desvalorizações, informações preconceituosas, pobres, que somente reforçavam a imagem do africano selvagem, acorrentado à miséria, vivendo entre macacos, leões, sem nenhuma civilização: um negro que se deixara escravizar”. Somente, mais tarde, ao participar de movimentos negros, é que ouvi pela primeira vez que havia uma história bem diferente da que tinha aprendido na escola e que ser negro era belo e possível. Diante do pouco que conhecia, saber que o negro podia ser belo já foi um avanço, considero que em mim ocorreu os mesmos sentimentos vivenciados por aqueles que no passado participaram do Africanismo. Incorporei a negritude, busquei valorizar a cultura negra através da sua música, dança, poesia, do cabelo crespo, tentando arrancar de forma radical, tudo o que considerava ter sido a mim imposto pelo branco europeu. Naquele momento, praticava o processo da pirâmide invertida, aproximando-me do Surrealismo.

Em minha trajetória profissional sempre estive envolvida com questões referentes à inclusão étnico-racial e nos dez primeiros anos, como professora regente sofria muito, pois o contexto daquela época era bem mais hostil. Tentavam organizar turmas homogêneas, classificando-as em a, b e Z. A sala A, era a menina dos olhos da coordenadora, nesta sala tudo de bom deveria acontecer, lá estavam os “melhores alunos”, a professora considerada mais eficaz e que anos após anos dela não deveria sair, o que causava um clima de antipatia com relação a tal professora. Nos sete anos, que lecionei naquela escola, jamais na sala A, mas quase sempre na de letra C em diante, ouvia sempre comentários das professoras, que se referiam à última sala, como lugar insuportável, no qual, o mal cheiro proliferava e os alunos não aprendiam. Dentro da mesma escola, a sala A parecia fazer parte da rede privada de ensino, enquanto que a sala Z parecia ter saído da senzala. Revoltava-me, frequentemente, ao perceber tanta diferença e injustiça no ambiente escolar e certa vez, fui à escola no turno da manhã e contei quantos alunos negros e brancos haviam em cada sala e verifiquei o mesmo no turno da tarde, o resultado foi o por mim esperado: Na sala A, um ou dois negros e na Z todos

negros. Constatava a desigualdade étnico-racial, a indiferença com nossos alunos negros e o lugar a eles reservados em nossa sociedade, o dos excluídos e subalternos. Trabalhava muito, exaustivamente, buscando levantar a autoestima dos meus alunos, mas no ano seguinte, quase tudo se perdia, pois não havia consonância entre a minha prática e a das outras professoras. No meu último ano, naquela escola, passei por uma imensa decepção, deixaria a regência para atuar como professora bibliotecária e desenvolvia com meus alunos um lindo trabalho, eram todos repetentes e automatizados, remanescentes da turma Z. Quando, os deixei, já tinham entendido o processo da leitura, porém, ao conversar com a coordenadora sobre a minha saída da escola, ela me disse, sem perceber o absurdo da sua fala, que teria grandes problemas, se quem tivesse deixando a escola naquele momento fosse a professora da sala A. Comprovava mais uma vez, o quanto não se importava com aqueles alunos e conseqüentemente, com o meu trabalho junto a eles. A despedida foi dolorosa, muito choro meu e das crianças e um mês depois ainda não tinha cortado o cordão umbilical, assim, voltei a escola para revê-los e deparei-me com uma situação constrangedora, na qual todos os alunos estavam com nota vermelha e a nova professora justificava, tal situação, afirmando, que aqueles alunos, não haviam aprendido nada até àquela altura do ano. O que não pude deixar sem resposta, pois confirmava-se novamente, o desinteresse da escola por aquela turma e a minha primeira reação, foi de confronto com a professora e logo depois, em minha casa, redigi uma carta endereçada à direção e coordenação, na qual expunha a realidade da turma e como cada aluno poderia continuar o seu desenvolvimento. Antes, de encaminhar a carta, levei-a, para ser analisada por uma das minhas professoras do curso de Pedagogia, que a considerou coerente e clara.

Em 2004, na extinta Câmara Temática, promovida pela Secretária de Educação de Juiz de Fora, participava das discussões, nas quais, buscava-se valorizar a diversidade e destacar a importância da cultura negra para nossa sociedade brasileira, tentava-se refletir sobre discriminação e preconceito. Estando já, como professora bibliotecária, desenvolvia projetos, que me permitiam dialogar sobre a realidade do negro brasileiro. Mas, de maneira bastante defasada, pois havia a necessidade de maiores conhecimentos e acesso a materiais didáticos voltados para a diversidade. Além da falta dos materiais didáticos, encontrar a foto de negros em revistas ou qualquer outro meio de comunicação era quase impossível.

O que levou meu ex-marido, que possui talentos artísticos, a dedicar-me um livro com pinturas e escritas artesanais: *Negrete, O Negro Mais Preto*, que usei muitas vezes e que me possibilitou trabalhar com meus alunos, a imagem de um personagem negro, com sua história

e raízes africanas. As crianças, gostavam, entendiam a diversidade e coloriam com prazer o desenho do menino negro utilizando, naturalmente, os lápis de cores marrom e preto.

Em época de Olimpíadas, as revistas e jornais dedicavam-se a estampar imagens de atletas negros, o que me auxiliou em meu projeto: Pluralidade Cultural, O negro em destaque! A montar um painel com meus alunos, no qual havia fotos de negros, brancos e índios, no decorrer daquele trabalho, em um dos momentos em que utilizava o painel, que tinha colado na parede da biblioteca, a ideologia do branqueamento, manifestou-se fortemente, quando me referi ao jogador de futebol Ronaldo, o fenômeno, como negro e nenhum deles aceitaram e afirmaram que ele era branco. Esta era a imagem veiculada do jogador, que lançara a moda da máquina zero, na qual a cabeça raspada deixa transparecer, apenas a sombra do cabelo, o que não permite identificá-lo como crespo.



Mural da Escola Municipal Manuel Bandeira. Arquivo da autora.



Autora com alunos: Arquivo da autora.



Capa do livro Negrete.
Arquivo da autora.



Sala de aula (2004). Arquivo da autora.



Sala de aula (2004). Arquivo da autora.

Em 2004, a rede Globo de televisão, exibiu a novela *A Cor do Pecado*. Thaís Araújo, atriz negra, foi a protagonista, no papel de Preta, a mocinha negra e pobre, que se apaixona e tem um filho, Raí, papel interpretado pelo ator negro, Sergio Malheiros, com Paco, personagem principal, protagonizado pelo ator branco, Reynaldo Gianecchine, o mocinho branco e rico, que se apaixona pela mocinha negra e pobre. Essa foi uma novela, que me permitiu desenvolver um projeto maravilhoso, com os meus alunos dos anos iniciais sobre o negro e a questão do racismo brasileiro. Em minha casa, gravava em fitas de vídeo cassete, cenas em que aparecia o racismo, quase sempre os personagens brancos se referiam à Preta e ao menino Raí como “a neguinha e o neguinho” e então, colocava nas aulas essas cenas gravadas, que serviam de apoio para o desenrolar das discussões. É importante destacar, que conseguia desenvolver esse trabalho com todas as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, do turno da manhã, por ser a professora bibliotecária.

À frente da coordenação pedagógica da escola, tenho a possibilidade de ser protagonista no cenário escolar, pois a especificidade dessa função leva-me a ser aquela pessoa que organiza e articula todo o coletivo da escola, o que contribui para que ações protagônicas possam acontecer. Neste sentido, este curso vem contribuindo para minha atuação profissional. A implementação da Lei Federal nº 10.639/2003, alterando as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino Básico e em todos os sistemas de ensino, no âmbito escolar e também a edição da Lei nº 11.645/08, que voltou a modificar o mesmo dispositivo da LDB, alterado pela Lei 10.639/03, é uma política de ação afirmativa, que só poderei ajudar a colocar em prática se adquirir as ferramentas pedagógicas e teóricas necessárias.

Como sou coordenadora contratada, tenho a oportunidade de trabalhar em várias escolas municipais e em todas convivi e convivo com a grande dificuldade tanto de inserir as

respectivas Leis 10.639 e 11.645 em seus Projetos Políticos Pedagógicos quanto de colocá-las de fato no cotidiano escolar. O despreparo e quase total desconhecimento sobre o que seja o Continente Africano, sua história e cultura, restringe o desenvolvimento do tema apenas às comemorações folclóricas na semana do dia 20 de novembro, incluído no calendário escolar como o “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Diante disso, o Curso de Especialização em História da África vem abrindo o meu leque de entendimento, compreensão, reflexão e conhecimento sobre este tema que ainda se ampliará muito e que me dará a oportunidade de ser uma de suas multiplicadoras. Entendendo que, para conseguir ser multiplicadora, precisarei fazer com que os profissionais da educação percebam que implementar as Leis, combater o racismo e o preconceito enraizados em nossa sociedade brasileira, não é só uma questão acadêmica, mas também política.

O prazer de continuar os estudos acadêmicos também é um dos motivos que me impulsiona a frequentar as aulas, me dedicar às atividades e participar das discussões propostas. Só não busquei esta oportunidade antes por trabalhar em dois turnos, o que me ocupava quase todo o tempo, impedindo-me de buscar uma formação continuada. Mas no ano de 2015, retomei minha vida acadêmica, como integrante do Grupo Além-do-Mar da UFJF: Estudos da Diáspora Africana com a coordenação da professora da Faculdade de Letras, Enilce Albergaria Rocha. Neste grupo, temos a oportunidade de discutir sobre a Diáspora das Américas, estudando a literatura negra de autores negros pós-coloniais, como Mia Couto, Édouard Glissant e outros.

Repensando a Aprendizagem

A memória (é passado, a origem, o anterior, etc.). Todo grupo social tem uma resposta para explicar o “de onde viemos”. Todos nós recebemos ao nascer uma carga de informações sobre o nosso passado recente e/ou remoto, guardado pela história ou conservado pelo inconsciente coletivo ou pela tradição. Essa carga nós a transportamos conosco, durante toda a nossa vida. E ela vai sendo acrescida constantemente de mais informações, idéias, sonhos, lembranças, saudades, desejos, “coisas e cousas”. A memória de um grupo social se expressa através de seus rituais da ordem e da desordem, sacros e profanos, todos eles elementos simbólicos mantenedores e perpetuadores dos vínculos e das matrizes geradoras desta comunidade. (ROCHA, s.d., p. 8).

Segundo Rocha (s.d), levamos por toda nossa vida uma carga de informações sobre o nosso passado e com o passar do tempo está carga vai sendo acrescida por novas vivências. Fato, que a mim vem ocorrendo desde que iniciei os meus estudos sobre História da África. Não só minha carga de informações vem aumentando como também se modificando. A memória da primeira aula com a professora Fernanda continua vibrante, pensar que queremos uma África humana e a partir disso o que desconstruir e como desconstruir? E nas aulas

iniciais, não tinha claro, que as primeiras desconstruções ocorreriam em mim. Quando no Módulo I, sobre o Imaginário Europeu em relação a África, ouvi da professora, que os africanos tinham participado do tráfico de escravos negociando com os traficantes europeus, minha reação foi de incredulidade e indignação. Em minha memória romantizada, um irmão jamais venderia o outro. Porém, a professora indagou: irmão, que irmão?

Era o primeiro módulo, nada estava muito claro ainda! Com o passar das aulas as questões foram aparecendo, as informações se organizando em minha mente. A incredulidade cedeu lugar aos argumentos, a indignação e fantasia a uma realidade mais palpável e coerente. Não eram irmãos, porque pertenciam a tribos diferentes e os africanos participaram do tráfico por fazerem parte de todo um contexto, que possibilitara tal ação. Participaram sim, mas não da mesma forma que os europeus, não construíram nenhum navio negreiro e nem objetivaram a geração de riquezas para os africanos.

Diante da exposição sobre Africanismos, compreendendo o que significa para nossa sociedade brasileira as consequências da representação e imaginário criados sobre o continente africano a partir do olhar europeu, deixando-nos a idéia de uma África como lugar primitivo, de animais e pessoas selvagens, percebendo a força do eurocentrismo na nossa maneira de conceber o mundo, fiquei a refletir frente às indagações: como desvencilhar das representações eurocêntricas sem reproduzir os mesmos códigos e valores? Como romper com essa construção ideológica? Construção esta, que precisa ser criticada e entendida. O que possibilitará a criação de novos caminhos.

Em sua primeira aula, o professor Marcos passou um vídeo: Racismo/Nerdologia, neste vídeo há uma explicação rápida e clara sobre como os estereótipos são criados e a partir deles o preconceito. Da mesma forma que fiquei chocada ao assisti-lo, os professores que coordeno, na escola em que trabalho também. Esta foi a primeira reunião pedagógica em que pude avaliar o quanto o conhecimento e novas ferramentas de trabalho podem ajudar em nossa prática profissional. Já não falava aos professores sobre um assunto totalmente a mim desconhecido.

Acredito que até o final do curso, atingirei meu objetivo principal, que é ser capaz de construir junto aos professores um projeto, para que possam introduzir o tema História da África em suas salas de aula.

“Como lidar com o currículo em um contexto de desigualdades e diversidade?”
(GOMES, 2012, p.).

Apesar do momento em que vivemos, no qual temos grandes possibilidades, que nos permitem estar a quase todo instante dialogando com outros conhecimentos e realidades, ainda assim, no contexto educacional brasileiro, nos encontramos impossibilitados de colocarmos em prática um currículo que contemple a todos os cidadãos que formam a nação brasileira.

Tomando como base a discussão, que Nilma Lino Gomes, faz em seu artigo intitulado *Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos*, enfatizo a necessidade de deixar claro, que no ambiente escolar essa discussão ainda se encontra bem longe de acontecer, pois os atores educacionais, ainda não conseguem perceber a importância de analisarem o que está por trás das propostas educacionais, das práticas pedagógicas que inviabilizam um currículo mais democrático. Ainda não conseguem analisar seus livros didáticos e perceberem o quanto são eurocêntricos, a importância da introdução do ensino da História da África e das culturas afro-brasileiras. Não entendem a desigualdade, o privilégio de alguns em detrimento de outros, da emergência em contemplar as ansiedades e desejos das classes populares, que há bem pouco tempo adentraram a escola.

Porém, toda uma dinâmica social ocorre, as reivindicações daqueles que se encontram à margem do processo, acabam ganhando força e aparecendo em forma de conflitos e tensões. Mesmo, que esta luta ainda não esteja clara e sistematizada, algo aponta para a necessidade de mudanças, uma nova direção precisa surgir e a escola precisa abrir seus caminhos.

O Sal da Terra (Beto Guedes)

Anda!

Quero te dizer nenhum segredo

Falo desse chão, da nossa casa

Vem que tá na hora de arrumar

Tempo!

Quero viver mais duzentos anos

Quero não ferir meu semelhante

Nem por isso quero me ferir

Vamos precisar de todo mundo

Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver
A paz na Terra, amor
O pé na terra
A paz na Terra, amor
O sal da
Terra!
És o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro
Tu que és a nave nossa irmã
Canta!
Leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com seus frutos
Tu que és do homem, a maçã
Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Pra melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois
Deixa nascer, o amor
Deixa fluir, o amor
Deixa crescer, o amor
Deixa viver, o amor
O sal da terra.

Como coordenadora pedagógica, será possível intervir tentando demonstrar aos professores a importância de estarem atentos, da reflexão crítica em busca de um currículo descolonizado. De acordo com a professora Mônica Lima, em suas aulas, independente de nossa origem familiar, todos nós brasileiros carregamos muito de África em nós mesmos... assim, o silêncio em torno dessa História não pode continuar, o ritmo do tambor repercute em

nossos pensamentos e não deve continuar desafinado! Como não saber, que em diversos momentos as sociedades africanas interagiram com outras partes do mundo? Portanto, não faz sentido os livros didáticos trazerem os capítulos de História da África separados, estes precisam estar dialogando com os outros temas. A história do continente não deve ser uma disciplina específica, é possível trazê-la para a atualidade, como por exemplo, trabalhar com os alunos os problemas que existem em comum entre países da África e o Brasil e entre os afrodescendentes brasileiros. Há que ter um estímulo ao re (conhecimento). Encontrar relações com o currículo de História, saber o sentido do ensino de História e a História da África. E para que mudanças possam acontecer problemas como a formação do professor, falta de uma boa biblioteca para estudo e pesquisa acadêmica precisam deixar de existir.

A implementação da Lei, que torna obrigatório o ensino de História da África, significa criar condições para que possamos reconhecer e reconhecermos-nos. Vivemos expressões da cultura africana na diáspora e assim, recuperarmos nossas heranças africanas... não mais pela idéia da escravização, mas sim, pela nossa proximidade com o continente.

“O saber é uma luz que existe nas pessoas. É a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo que nos transmitiram, assim como o Baobá já existe em potencial na sua semente”. (Hampâte Bâ).

E. M. MANUEL BANDEIRA

2ºSEMESTRE DE 2016 – EJA

COORDENADORA PEDAGÓGICA: Helenice Ana Lopes

PROJETO – ALTERNÂNCIA PEDAGÓGICA

Justificativa

A educação escolar tem um papel substancial na superação das desigualdades raciais. O ambiente escolar é um dos principais ambientes de socialização, e enquanto tal interfere na formação de personalidades, códigos comportamentais e visões de mundo que guia a forma como o indivíduo se posiciona no mundo. A escola é o ambiente onde pela primeira vez as pessoas experimentam uma regulação nas relações “entre iguais”. Por isso, nela também aprendemos os possíveis padrões de reação diante da atitude de outrem. Na escola aprendemos a ver o outro, a se ver em relação ao outro e se ver no outro. (SANTOS, 2009, p.22). Assim, a escola precisa entender a importância da mudança curricular, mas mais ainda

a mudança comportamental em relação à forma como determinados temas são tratados na escola. Pois, nem sempre a escola é local de fala e de troca, e com isso pode tornar-se um local de sofrimento para os alunos. Esses silêncios são frutos de questões, de subjetividades que apesar de serem formadas no ambiente escolar, não são tratadas pela escola, que os deixa passar em branco. Cada época traz os seus silêncios, de forma que sempre estaremos trabalhando com essa categoria em relação a uma necessidade de falar, de ouvir, de escrever, de querer saber algo e alguém ancorada numa construção histórica cultural. (FERRARI & MARQUES, 2011, P. 9).

Estas reflexões tornam-se ainda mais relevantes quando se trata do ensino de História da África, já que este conteúdo vem impregnado de preconceitos que foram e ainda são perpetuados pela escola e, apesar da existência de uma Lei (10.639/03) que obrigue o ensino de História da África e dos afrodescendentes em todas as escolas brasileiras, e de experiências pedagógicas frutos de interpretações da referida Lei bem sucedida (ALVES & GOMES, 2013, pp. 83-101), ainda é preciso ir mais fundo na mudança para que efetivamente uma transformação se concretize.

Objetivos

Objetivo geral:

Introduzir o estudo de História da África de forma a promover o conhecimento, reflexão e atuação do aluno durante o desenvolvimento do projeto.

Objetivos Específicos:

- Despertar no aluno o interesse pelo continente africano.
- Fazer com que descubra algumas relações existentes entre Brasil e África, suas implicações com o racismo brasileiro.

Metodologia

Através da afirmação: África é um belo país! Identificar o quanto o aluno sabe sobre o continente, se o percebe realmente como um país ou se entende, que África é um extenso continente com diversos países e culturas diferentes.

Pedir que os alunos citem o nome de países que formam o continente africano.

Mapa da África para os alunos colorir os países.

Utilizar o mapa vazado do continente (somente o contorno) para o aluno identificar e escrever o nome dos respectivos países.

Mostrar imagens de diversos lugares do continente, cidades e capitais, nas quais os alunos possam perceber, que em África não existe somente paisagens e animais selvagens,

mas também cidades com edifícios, carros, praias e pessoas trabalhando e seguindo sua vida normalmente.

Com o vídeo: Vista a minha pele (2003), vivenciar com o aluno os efeitos do racismo em nossa sociedade brasileira.

Recursos:

- Pendrive;
- Data-show;
- Mapa;
- Papel ofício, caneta, lápis de cor.

Considerações Finais

“Ah, se o mundo inteiro me pudesse ouvir! Tenho muito pra contar, dizer que aprendi”! (TIM MAIA, 1970)

Aprendi e não foi pouco! O leque abriu-se e ao abrir lançou-me para além da nebulosidade. Retirou a venda fria, que a história de uma visão só havia jogado sobre meu passado, querendo condenar-me ao esquecimento e silenciamento.

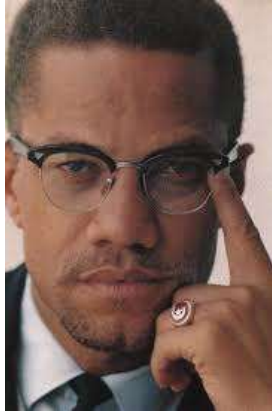
Já não tateio, e não é preconceito! Mas sim uma forma de expressar e afirmar, que minhas expectativas foram correspondidas, que minhas buscas não foram em vão e que me sinto capaz de realizar e não mais vacilar e me deixar enganar. A fronteira está aberta, as fontes inesgotáveis e surpreendentes! A mim compete saber escolher, analisar e utilizar!

“Mas quem sofre sempre tem que procurar

Pelo menos vir achar razão para viver

Ver na vida algum motivo pra sonhar

Ter um sonho todo azul, azul da cor do mar” (TIM MAIA, 1970).



Malcom X



Martin Luther King Jr.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana P. **Memória das palavras**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

CHAVES, Rita. "Os da minha rua", de Ondjaki. Carta Maior. 03/05/2007. < <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/-Os-da-minha-rua-de-Ondjaki/12/13247> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Agostinho Neto*. Templo Cultural Delfos, agosto/2015a. Disponível em: < <http://www.elfikurten.com.br/2015/08/agostinho-neto.html> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

_____ (pesquisa, seleção e organização). José Luandino Vieira - fios de memória e estórias. Templo Cultural Delfos, maio/2015b. Disponível em: < <http://www.elfikurten.com.br/2015/05/jose-luandino-vieira.html> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

_____ (pesquisa, seleção e organização). Ana Paula Tavares - a poética do espaço. Templo Cultural Delfos, junho/2015c. Disponível em: < <http://www.elfikurten.com.br/2015/06/ana-paula-tavares.html> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

_____ (pesquisa, seleção e organização). José Eduardo Agualusa - identidade e memória. Templo Cultural Delfos, maio/2015d. Disponível em: < <http://www.elfikurten.com.br/2015/05/jose-eduardo-agualusa.html> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

_____ (pesquisa, seleção e organização). Ondjaki - memórias e contrastes. Templo Cultural Delfos, maio/2015e. Disponível em: < <http://www.elfikurten.com.br/2015/05/ondjaki.html> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

NEVES, Alexandre G. Os da minha rua: Ondjaki. **Revista Crioula**, nº 3, maio de 2008, pp. 1-4. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/54026> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, nº 3, 2003, pp. 421-461.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

_____. Umhas palavras (Entrevista). **Canal Futura**. < <https://www.youtube.com/watch?v=Yqi3ILpAtZc&spfreload=10> >. Acesso em 15 jan. 2017.

OXALÁ cresçam pitangas: histórias da Luanda. Direção: Ondjaki; Liberdade, Kiluanje. Angola/Portugal. 2006. 62 min. Documentário. Disponível em: < <https://vimeo.com/139527073> >. Acesso em 15 jan. 2017.

PINA, Rute. Ensino de história da África ainda não está nos planos pedagógicos, diz professora. **Brasil de Fato**. São Paulo, 08 de Janeiro de 2017. Disponível em: < <http://www.brasildefato.com.br/2017/01/08/ensino-de-historia-da-africa-ainda-nao-estamos-planos-pedagogicos-diz-professora/> >. acesso em: 15 jan. 2017.

POPULAÇÃO de Angola sobe para mais de 25,7 milhões de pessoas. **RTP NOTÍCIAS**. Lusa 23 Mar, 2016, 16:51 | Mundo. Disponível em: < http://www.rtp.pt/noticias/mundo/populacao-de-angola-sobe-para-mais-de-257-milhoes-de-pessoas_n906065 >. Acesso em 15 jan. 2017.

ROCHA, Tião. Cultura: matéria prima de educação e de desenvolvimento. Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. S.d.

SABONETE, Fernando W. Construção do Estado-Nação angolana: relações inter-étnicas, Nhaneka-Humbe na guerra civil. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2010. Disponível em: < http://www.repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/1055/arquivo736_1.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 15 jan. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

VISTA a minha pele. Direção: Joel Zito Araújo. Brasil. 2003. 24 min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM> >. Acesso em: 15 jan. 2017.

